

Ensino de História e história das ciências: articulações possíveis para uma educação científica interdisciplinar.

Helena Miranda Mollo (Universidade Federal de Ouro Preto-Ufop)

Há dez anos ministro disciplinas no primeiro ciclo do curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto. A maior parte desse tempo, dediquei-me a receber calouros e calouras do curso nas aulas de Introdução ao Estudo da História, que, por um bom tempo, foi o primeiro horário do primeiro dia da semana. Ali, alunos e alunas sentiam o primeiro grande estranhamento em relação àquela escolha feita (muitas vezes precocemente) para os próximos anos de suas vidas. Turma após turma de calouros, e com a definição de História de sempre - “é uma ciência do passado” – começam estranhando quando não se fala até a metade do curso no termo ‘passado’. O conceito de tempo toma o lugar da apresentação da disciplina, deslocando para o termo ‘experiência’ a carga de sentido importante para historiadores e historiadoras iniciantes.

O objetivo de minha apresentação é refletir, a partir da prática docente em disciplinas como a de Introdução e das eletivas, quando me dediquei às possibilidades de aproximação entre a História da Historiografia e a História das Ciências, como a educação científica interdisciplinar pode ser elaborada e significar para o futuro historiador e professor de história uma forma de pensamento e prática docente que estimulem e influenciem a mudança de algumas características na vivência da cultura histórica.

Em Introdução ao Estudo da História, como se disse acima, a atenção se volta para a desconstrução do termo ‘passado’ para que se possa, então, construir a noção de temporalização; esse é o caminho para a compreensão de um ponto nodal da história de historicidade. A abertura desse primeiro arco teórico é fundamental para a formulação de um *estilo de pensamento*. O segundo momento do curso se dá a partir, então, de duas noções: o tempo e da experiência.

No que tange à apresentação necessária da área que esse aluno ingressante aguarda, após a desconstrução inicial, inclui o movimento muito mais amplo, que sai do estudo de temas específicos, tão habitual a esse público principalmente no ensino médio, para o que é um paradigma. Traçando as linhas gerais do que forma um paradigma, como Thomas Khun o desenvolve, o movimento que se pretende é aquele descrito por Hannah Arendt quando da descoberta do telescópio e o ponto de vista arquimediano: sair de um conhecimento circunscrito, tomar o distanciamento necessário e olhar de um ponto distante e singular. Nesse ponto, a Modernidade é posta em evidência, e a mudança na forma de conhecer o mundo, que proporcionou o desenvolvimento de um olhar científico. É o que mostra M. Foucault ao exemplificar a modernidade através de *As Meninas*, de Velázquez, salientando a existência de um ‘observador de fora’, mas que o autor inclui no quadro ou “aquele que observa o mundo mas nesse movimento também se observa”, ou seja, há uma mudança no processo de conhecimento do mundo e H. U. Gumbrecht localiza essa característica como um dos pontos centrais da Modernidade, em torno dos anos 1800.

Assim, a partir do trecho abaixo, ao qual se recorre com frequência nesta disciplina de Introdução ao estudo da História, dá-se o contorno não só desse processo na história do conhecimento, mas produz-se algo mais; um processo de aquisição do conhecimento que tem como pressuposto a interdisciplinaridade. Eis a passagem de *A condição humana*:

“O que Galileu fez e que ninguém havia feito antes foi usar o telescópio de tal modo que os segredos do universo foram reelados à cognição humana com a certeza de percepção sensorial; isto é, colocou diante da criatura presa à Terra e dos sentidos presos ao corpo aquilo que parecia destinado a ficar para sempre fora de seu alcance

e, na melhor das hipóteses, aberto às incertezas da especulação e da imaginação” (ARENDR 1981, p. 272)

Desse conjunto de especificidades na apresentação do campo de conhecimento nasceu a oportunidade de fazer um aprofundamento. Assim, de um ponto de inflexão que era a desconstrução da noção tradicional de “história, ciência do passado”, em disciplinas eletivas as várias camadas de sentido aí presetes puderam ser mais e melhor exploradas. Um conjunto de tres disciplinas foi a experiência interdisciplinar por excelência, e incluiu duas viagens curriculares para aulas em campo; uma delas no parque do Sumidouro, para que a noção de passado fosse explorada ao máximo.

A noção de anacronismo, segundo um breve texto de Nicole Loraux (1992), para além do ensinamento ao respeito pela historicidade, coloca uma outra questão importante: o deslocamento necessário que se deve fazer em direção ao outro; em direção ao passado. O tempo histórico é tratado a partir da noção de aceleração, da existência e da produção de diferença entre passado e presente. Assim, as várias formas de percepção da experiência de tempo foram trabalhadas nas cadeiras eletivas.

Segundo Paolo Rossi, o tempo possui sinais; são eles conchas, fósseis, rochas. Pouco distante de Belo Horizonte está Lagoa Santa, onde se situa o parque do Sumidouro, sítio ideal para uma aula prática sobre as camadas de tempo e o passado profundo, visto que o espaço foi o lugar de pesquisa de Peter Lund. A gruta da Lapinha foi descoberta pelo naturalista dinamarquês em 1835 e ao lado de sua entrada, desde 2012, está o museu, com cerca de 80 fósseis humanos e de animais diversos, descobertos por Lund. A noção de um passado anterior a um outro passado toma forma, na aula de campo, quando nos encontramos abaixo do fundo de um rio, que havia passado por ali há cerca de 200.000 anos.